

2007/01/19

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOEPOLÍTICAS (II PARTE)

João Brandão Ferreira

Quebrar o Cerco da Europa

Até agora discorremos sobre como a Europa se tem deixado “cercar” por dentro e pelo exterior. Sobra uma questão, que é esta: como quebrar o cerco? O declínio da Europa atingiu o seu auge no fim da “segunda guerra civil” europeia, crismada de guerras mundiais exactamente porque os interesses europeus tocavam o mundo inteiro e se chocaram um pouco por todo o lado. Em 1945, a Europa estava arrasada física e moralmente. A situação não era nova – os europeus conhecem a guerra há séculos – e por isso poderia não ser catastrófica. Mas foi-o por duas razões principais: pela extensão da destruição e ódio que deixou (as guerras civis são sempre as piores neste âmbito) e porque no fim do conflito emergiram duas superpotências de cariz antagónico: os EUA e a União Soviética. A Europa, isto é, o que restava dela, pois muitos países ficaram para lá de uma “cortina de ferro”, e alguns poucos, encetaram uma via de neutralidade, aliou-se a uma das partes por sobrevivência geoestratégica, mas não conseguiu deixar de ficar “entalada” entre os dois grandes. E, durante 50 anos, grande parte do solo europeu esteve militarmente ocupado por forças estranhas a esse mesmo solo. O assalto a tudo o que era europeu fora da Europa não se fez esperar. A pouco e pouco foram esbulhados de tudo, ou tudo devolveram, conforme o caso particular ou ângulo pelo qual se olhe a questão. Os portugueses, precursores nestas coisas, foram os últimos a quebrar na resistência. Mas acabaram por ceder...



Os conflitos são de sempre pois fazem parte da natureza humana e a Europa sempre os conheceu. O fim do Império Romano atomizou o continente europeu e os choques causados pela expansão dos diferentes povos e culturas obrigaram a um rearranjo de séculos. O fim da unidade política imposta por Roma, sustentada pela sua poderosa organização militar, criou vácuos de poder sucessivamente resolvidos pela força das armas e diferenciou toda a sua cultura (que herdara muito da grega), a qual sobreviveu apenas em conventos e outros centros do saber. Por isso, a Idade Média é considerada uma era de trevas... até que o Renascimento ressuscitou largamente a Antiguidade Clássica. De tudo salvou-se o Cristianismo que tentou afirmar-se, expandir-se e passar a ser o novo cimento que organizaria a Europa. E conseguiu-o em grande parte. Os Papas tentaram implantar a chamada “República Cristiana”, mas a luta pelo poder temporal com os príncipes e as sucessivas heresias e cismas religioso, impediram grandes avanços nesse âmbito. Lutero e a Reforma deram-lhe o golpe de misericórdia e a Revolução Francesa pôs-lhe um ponto final, apesar de alguma actividade se ter sucedido até que Garibaldi uniu a Itália. O Vaticano ficou reduzido ao que é hoje.

E se a Santa Sé e a Fé Católica, têm ainda agora a força e expansão de que dispõem, tal deve-se, fundamentalmente, a Portugueses (sobretudo a estes) e Espanhóis, que foram os artífices da Contra-Reforma e espalharam o nome de Cristo pelo mundo inteiro. A Revolução Francesa é um marco muito importante pois não se limitou a atacar o Altar, atacou também o Trono. E embora não tenha conseguido logo, nem até hoje, derrubar todas as monarquias, retirou-lhe de imediato o carácter divino, isto é, pô-los ao nível do humano. Dito de outra maneira, os reis deixaram efectivamente de governar. Estando o divino definitivamente afastado da decisão política, esta passava a estar apenas dependente da escolha dos cidadãos. Pode, por isso, ser influenciada e manipulada. Por quem? Por quem tiver os meios necessários, isto é, Poder, Saber, Organização e Dinheiro. Por esta ordem.

O sistema que se introduziu para implementar a nova ordem chamou-se de “Democracia”. Aquele, sobre o qual tanto divagaram os filósofos gregos. Sem nunca terem ficado sem dúvidas. Filho directo da Revolução Francesa, nasceu o liberalismo donde derivaram duas outras correntes doutrinárias de cariz social e económico, fortemente influenciadas pela Revolução Industrial, entretanto surgida: o Capitalismo e o Socialismo. O primeiro, com mais ou menos dose de liberalismo e de doutrina social, evoluiu para formas denominadas de democracia burguesa; o segundo extremou-se na Rússia, em 1917, para Comunismo. Em contrapartida a este, surgiram outros totalitarismos de cariz contrário (Fascismo, Nazismo). No meio de tudo isto, houve sempre muita mão judaica. Por vezes sionista.

A Europa foi ficando cada vez mais complexa de governar... Como se disse, a Europa viveu de

conflitos. Mas, no fim de cada um deles, gerava-se um equilíbrio. Esse equilíbrio era conseguido pelas potências europeias vencedoras. O equilíbrio, porém, que resultou do fim da segunda guerra civil europeia, foi imposto por potências estranhas à Europa. Mais, o elemento decisivo que veio a influenciar no futuro esse equilíbrio e complexo jogo de xadrez que se lhe seguiu – a arma atômica – fugiu-lhe quase totalmente ao seu poder e controle.

Foi, contudo, o medo das ogivas nucleares que permitiram aos europeus ocidentais desfrutarem do mais longo período de paz da sua História. E que deu azo à reconstrução e a um surto de desenvolvimento económico sem precedentes. Serviu, ainda, para que os europeus tomassem consciência da necessidade de unir esforços e que os inimigos de ontem deveriam dar as mãos para construir um futuro de paz e prosperidade. A ideia está correcta e deve ser acarinhada. A maneira de a influenciar e concretizar é que pode ser melhor ou pior. Pode mesmo destruí-la. Mas lá iremos.

Estando em construção esta ideia de Europa, mais económica ainda, do que política, rompeu-se o equilíbrio firmado em Yalta. Tendo o Ocidente ganho a terceira guerra, esta sim à escala mundial, da melhor forma, isto é, sem combater. Ou, melhor dizendo, sem guerra declarada e directa entre os blocos opostos, porque lá combater combateu-se e muito. Acabou também, finalmente, a segunda guerra civil europeia, mas sem se pôr termo ainda, estamos em crer, à primeira. E o conflito na ex-Jugoslávia pode apenas ser a ponta desse icebergue.

Do mesmo modo que os países europeus não ditaram nenhuma lei em 1945, a influência directa que tiveram na queda do muro de Berlim foi diminuta. Estavam fora da “Guerra das Estrelas” e do potencial Americano que a concebeu e foi factor decisivo na contenta. Por outras palavras, a Europa como entidade política ainda não existe e os países que a compõem, por mais poderosos que possam ser na actualidade, têm um poder muito relativo, sobretudo quando se trata de resolver problemas à escala do planeta. Não se pode, pois, dizer que a Europa esteja em muito boas condições para fazer face ao actual cerco...

Como se evitará, então, o cerco? Genericamente, de duas formas: procurando não constituir ameaça para ninguém, quer em termos concretos quer em termos perceptivos; e, por outro lado, assumindo uma atitude dissuasora. O equilíbrio, neste âmbito, não é fácil. As ferramentas a empregar para conseguir estes desideratos são basicamente duas, também. Em primeiro lugar, a Política e, em segundo, a Estratégia. Os instrumentos de que estas duas ciências devem lançar mão são múltiplos e variáveis conforme a situação: a diplomacia, a ciência financeira, a economia, a cultura, a acção psicológica, etc. Mas deve ter sempre uma componente militar. E, tendo-a, tem que obrigatoriamente ser servida de uma vontade. De lutar, se preciso fôr. Não fazer isto, é entrar num jogo perigoso onde quase sempre se perde. Ainda não se inventou um sistema onde estas coisas pudessem ser testadas em laboratório...

Comecemos então pelo Ocidente. E aquilo que se nos depara primeiramente, neste ponto cardeal, é o mar. E o mar é a chave para se obviar a qualquer tentativa de cerco. Por duas razões fundamentais ainda: para, mantendo abertas as linhas de comunicação aéreas e marítimas, poder garantir o fluxo do comércio necessário à alimentação da vida económica europeia e por permitir a aliança com a contra-costa norte-americana, fundamental para a segurança de ambas as margens do Atlântico norte e central. As principais teorias geopolíticas e geostratégicas têm este assunto muito bem escalpelizado, pelo que não nos vamos deter nesse âmbito. Diremos apenas que os fundamentos dessas teorias continuam actuais. Há coisas que é muito difícil fazer mudar...

Existem dois perigos a ter em conta, porém: a deterioração das relações entre os países europeus e a América e Canadá, por causa da concorrência económico-financeira entre blocos, e um desequilíbrio na dicotomia entre os adeptos do chamado “poder marítimo” e aqueles que privilegiam a continentalidade – “poder terrestre”.

Os EUA mudaram o seu posicionamento estratégico-militar na Europa: reduziram substancialmente os seus efectivos militares para cerca de 100.000 homens e deixaram de, oficialmente, ocupar a Alemanha (embora o seu Quartel-General continue em solo alemão); mas fizeram mais: de uma orientação Leste-Oeste, passaram a estender a responsabilidade do seu comando na Europa num sentido Norte/Sul, que vai da Noruega ao Cabo, deixando, significativamente, o Médio Oriente de fora...

A missão é ciclópica por dispersa e por se aplicar numa área extensíssima, mas pode ser viável enquanto a ameaça for de baixo nível e os meios disponíveis tiverem um alto grau de mobilidade, flexibilidade e prontidão. Face a isto, a OTAN entrou em auto-análise e a França aproveitou a deixa para chamar a si o protagonismo e espetar uma farpa nos EUA: reactivou a UEO, que continuou basicamente uma entidade burocrática e de intendência, mas que todos os dias cresce um pouco.

Aos EUA pareceu interessar o seu desenvolvimento moderado e controlado desde que se mantiveram duas coisas: o domínio da OTAN e o uso dos europeus em conflitos que não lhes interesse participar. Para isso têm na Grã-Bretanha uma aliada de peso. E pressionando a Alemanha q.b., a OTAN, o seu eventual alargamento às CJTF (21) e a Parceria para a Paz são instrumentos fundamentais para sua política com a Federação Russa e não vão, certamente, abrir mão do seu controlo. Portugal terá que jogar com tudo isto se quiser, como é do seu interesse, manter uma posição importante no CINCIBERLANT. Não é fácil manter o equilíbrio, mas é fundamental consegui-lo.

Do mesmo modo, a Comunidade Europeia. É difícil aferir, hoje, o que mais pesa na “União”, se aquilo que os une, se, pelo contrário, tudo o que os separa. As recentes crises provocadas pelo problema das vacas loucas são bem ilustrativas desta realidade. Mas, se a Europa não se consegue unir, o melhor será, então, não destruir as capacidades individuais de cada Estado-Nação. Pode haver, aqui, pontos de não retorno. E não se percebe como é que, em simultâneo, se reduzem os exércitos, se deixa aumentar exponencialmente o desemprego, se baixam as guardas contra o crime organizado, se deixa entrar a segurança social em pré-falência, se deixa invadir o continente por milhões de imigrantes, em más condições e de difícil integração, e querer ser um bloco político-económico com peso na cena mundial. Ou se conseguem ultrapassar estas e outras contradições ou estas darão conta do caso. E uma nova política geral não se reinventa de um dia para o outro.

A fronteira sul da Europa, ou seja o Norte de África, está instável e aparentemente assim continuará. Por enquanto, militarmente, não constitui ameaça. Assim deve continuar a ser. A “invasão” da Europa é feita, não com armas, mas com malas de cartão e mochilas vazias. É pacífica a principio, mas pode degenerar. O outro desafio é manter equilíbrios e desenvolvimento económico-social, que evitem crises entre os diferentes países e implosões internas, que constituam catástrofes humanitárias e ponham em causa interesses europeus. E disparem fanatismo islâmico que, esse sim, poderá transformar-se numa ameaça militar e terrorista.

Mais para leste, o Médio Oriente será sempre instável. Isto não é uma visão pessimista. É realista. E nem tudo tem solução. A natureza humana é o que é. a geografia não muda e o carácter dos povos muda pouco. O Médio Oriente será sempre, pelo menos no que se pode prever, um laboratório excelente para a gestão de crises. É preciso analisar os factos com realismo e pragmatismo. Os cenários são variadíssimos. Já imaginaram, por exemplo, se o Egipto e a Turquia caíssem em simultâneo debaixo de regimes extremistas? Por enquanto o Iraque está de quarentena e o Irão enfraquecido; e daqui a uns anos? E se faltar água potável em toda aquela zona? E se Israel deixar de ter vontade de lutar? Ou se procurar uma fuga para a frente? Gerir conflitos e conter disputas a quente, vai ser um desafio constante. A diplomacia tem que estar a 100%, 24 horas/dia e com o “músculo” militar sempre à mão. “Just in case...”.

Dali subimos até à extensa fronteira eslava, onde os problemas acompanham essa mesma extensão e possuem complexidade própria, cujos equilíbrios se estendem a metade do mundo. Aí, o cerco da Europa entrechoca-se com o cerco da Rússia, ou como este é entendido pelos homens que de dentro do Kremlin prespectivam a realidade à sua volta. A Rússia teve origem no Ducado de Móscovia, centro geopolítico poderoso que procurou alargar a sua influência, radialmente, o mais possível. Com um clima rigoroso, um solo pouco generoso e um subsolo rico mas de difícil extracção, e com poucas e medíocres saídas para o mar, tentou afanosamente atingir e ocupar a maior extensão possível da costa do Báltico ao Mar Negro e nunca perdeu a esperança de chegar ao Mediterrâneo e ao Índico. A partir, sobretudo, do século XVIII, estendeu-se para leste constituindo um verdadeiro império colonial (na pior acepção do termo), nunca posto em causa nos países europeus, quando estes estavam a ser corridos dos territórios que detinham fora da Europa. Será porque os europeus foram de barco e os russos a pé? Enquanto a Rússia se sentir ameaçada a Ocidente (26) vai tentar recuar as fronteiras da OTAN o mais possível e manter uma zona-tampão que, se não for favorável, seja pelo menos neutra. Quando não conseguir isto, boicotará ou dilatará, no tempo, quaisquer recuos no campo dos armamentos, política de céu aberto, no Conselho da Europa, OSCE, etc. Intimidar a Finlândia, destabilizará os Balcãs, aproximar-se-á da China (como já está a acontecer), exercerá pressão em Cuba, na Coreia do Norte e no Vietnam, auxiliará todos os países amigos que lhe restam, conforme poder. Se a economia derrapar e os conflitos sociais se sucederem, tudo pode acontecer. Mas pensar-se que a Rússia é uma potência que não voltará a ter que ser enfrentada, será um erro crasso de julgamento e de dolorosas consequências e surpresas futuras.

Na fronteira norte, enquanto a força de submarinos russa não recuperar do estado de inoperacionalidade em que caiu em grande parte, e enquanto houver uma dissuasão e acordos credíveis em termos de mísseis balísticos, é uma zona em que os europeus se podem dedicar à pesca ou à investigação científica e à exploração das riquezas que houver por baixo da calote polar.

E é neste ponto que entram os desafios das chamadas “novas fronteiras”. A Europa tem que participar no seu estudo e exploração. Estamos a falar do Espaço, do fundo dos oceanos, da Antártida e do Ártico. O futuro passa por aí. Mas para conseguir lidar com todas estas questões, a Europa tem que em primeiro lugar se encontrar a si própria e libertar-se do cerco interior em que se deixou cair. Tem que criar referências espirituais que são as verdadeiras amarras e aquelas que permitem superar os escolhos e o materialismo. Tem que acreditar em si própria e no seu destino. Não é fácil encontrar os traços espirituais comuns, a não ser o Cristianismo, e lá voltamos ao princípio. Os cismas religiosos foram responsáveis por muita desunião e guerra. mas hoje tudo isso está em parte ultrapassado (salvo na Irlanda do Norte), e ficou de qualquer forma uma raiz cristã. Por outro lado, o actual Papa está a lançar pontes com as outras Igrejas e não pensa, ao que se sabe, reclamar qualquer parte do poder temporal. A Europa precisa de voltar a defender as células fundamentais da sociedade, como a família, a respeitar as instituições consagradas e a respeitar hierarquias de valores. Tem que depender mais de laços perenes do que de votações circunstanciais; tem que se deixar de individualismos exagerados que prejudicam o colectivo; não pode permitir que a liberdade de expressão e de actuação seja pervertida pela liberdade de manipulação.

A Europa não deve ser racista nem xenófoba mas daí a transformar-se em laxista, masoquista e perdulária vai uma grande distância. A Europa não deve aspirar a nenhum governo mundial, mas não deve também permitir que outros, em nome disso mesmo, a dominem ou condicionem. Os europeus devem ter o discernimento de manter a sua diversidade. É esta a sua maior riqueza, se for complementar e não antagónica. Não se podem calibrar as pessoas como se faz às laranjas (e, mesmo estas, nem sempre com vantagem), um aviso para os eurocratas (27) Os europeus não podem ficar prisioneiros de seitas, máfias internacionais, ou sociedades secretas. Tem que arranjar líderes que não se deixem tocar por isto. Os europeus devem cuidar da sua cultura e do seu património. Sem complexos.

A Europa, para sobreviver, terá que regressar a África e, de certo modo, à América Central e à do Sul. As antigas potências marítimas serão, para este efeito, de importância fulcral. Mas nada se conseguirá se diferentes países europeus persistirem numa concorrência desenfreada no continente africano ou americano, mesmo quando se dizem aliados e amigos na Europa... E se tudo isto falhar e se entrar em rupturas? Bem, nesse caso, será preciso combater de novo. Desculpem não inventarmos nada de novo, mas a fórmula da pólvora é só uma e é conhecida há muito tempo. Querirão os europeus viver livres ou em paz sujeitos?

68 TEXTOS RELACIONADOS:

2012/07/27

O TERRORISMO JIHADISTA NA EUROPA: ALGUMAS TENDÊNCIAS SOBRE RADICALIZAÇÃO E RECRUTAMENTO[1]

Francisco Jorge Gonçalves[2]

2012/05/05

A CIMEIRA DE CHICAGO E O RELACIONAMENTO TRANSATLÂNTICO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/01/17

A NOVA ESTRATÉGIA DE DEFESA DOS EUA E A EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/10/14

A NATO E A PCSD DA UE, NO PÓS LÍBIA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/03/20

O DESTINO DE KHADAFI E A SEGURANÇA EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/01/28

EUROPEAN AERONAUTICS: MAIN POLICY AND OBJECTIVES [1]

Daniela Siqueira Gomes

2010/12/19

A UE E O FUTURO DA COOPERAÇÃO ESTRUTURADA PERMANENTE

Alexandre Reis Rodrigues

2010/10/18

RÚSSIA, PARCEIRO INDISPENSÁVEL?

Alexandre Reis Rodrigues

2010/10/09

A SEGURANÇA ENERGÉTICA DA EUROPA E A NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2010/07/09

A INTERVENÇÃO MILITAR DA OTAN NA JUGOSLÁVIA[1]

Carlos Ruiz Ferreira[2] (Brasil)

2010/03/15

AS RELAÇÕES NATO/UE

Alexandre Reis Rodrigues

2009/12/20

A PROPOSTA RUSSA PARA UMA NOVA ARQUITECTURA DE SEGURANÇA EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2009/05/20

A GEOPOLÍTICA: CIÊNCIA DO CONFLITO NO ESPAÇO DO PODER

António Paulo Duarte[1]

2009/05/03

GEOPOLÍTICA DA GUERRA

Manuel Saraiva

2009/04/07

A SOLUÇÃO POLÍTICA PARA O AFGANISTÃO E A UE

Alexandre Reis Rodrigues

2009/04/02

A REFORMA DA SEGURANÇA E DA DEFESA NA GUINÉ-BISSAU – O APOIO DA UNIÃO EUROPEIA

Luís Marquês Saraiva[1]

2009/03/31

REFORMA DO SECTOR DE SEGURANÇA – UM PERFIL MILITAR PÓS-MODERNO[1]

Luís Marquês Saraiva[2]

2009/03/25

A CIMEIRA DOS 60 ANOS DA NATO E A UNIÃO EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/11/07

ESDP IN STRATEGIC NEIGHBOURHOODS: PROMISES OF STABILITY THROUGH INTERNATIONAL MILITARY COOPERATION

Sandra Fernandes e Luís Saraiva

2008/07/28

O KOSOVO E A PRISÃO DE RADOVAN KARADZIC

Alexandre Reis Rodrigues

2008/07/20

O IMPASSE IRANIANO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/07/17

SEGURANÇA E DEFESA NA ÁREA MEDITERRÂNEA[1](II PARTE)

Victor Mota[2]

2008/07/16

SEGURANÇA E DEFESA NA ÁREA MEDITERRÂNEA[1](I PARTE)

Victor Mota[2]

2008/07/15

ESCUDO ANTIMÍSSIL: A GUERRA DO ESPAÇO ESTÁ SE TRANSFORMANDO NA GUERRA DOS OLEODUTOS

Rodrigo Cintra[1] (Brasil)

2008/06/01

A PASSAGEM ÁRTICA DO NOROESTE[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2008/05/14

A “NOVA” RÚSSIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/04/14

A IMAGEM DUALISTA SOBRE OS ESTADOS UNIDOS

Gilberto Barros Lima[1] (Brasil)

2008/04/09

A CIMEIRA DE BUCARESTE E O “ALARGAMENTO” DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/03/30

A INDEPENDÊNCIA DO KOSOVO

João Brandão Ferreira

2008/03/25

O QUE SERÁ A RÚSSIA DE MEDVEDEV?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/03/21

O DISCURSO DE ANGELA MERKEL: A VERGONHA INESQUECÍVEL

Gilberto Barros Lima[1] (Brasil)

2008/03/18

RETERRITORIZAÇÃO UTILIZANDO OS BIOMAS COMO UNIDADES ADMINISTRATIVAS

Fernando Baggio di Sopra[1] (Brasil)

2008/03/16

EUROPA SOB UMA TRIPLA AMEAÇA DA AL-QAEDA

José Vale Faria [1]

2008/02/20

VISÕES SOBRE A POLÍTICA EUROPEIA DE SEGURANÇA EUROPEIA

Vários

2008/02/19

A IMPORTÂNCIA DA GEOPOLÍTICA DO TERRORISMO[1]

Tiago Alexandre Maurício

2008/02/12

A INDEPENDÊNCIA DO KOSOVO: UMA PERDA ESTRATÉGICA PARA A EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/02/01

QUE ESPERAR DA CIMEIRA DE BUCARESTE?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/01/02

AS IMPLICAÇÕES DO SISTEMA NORTE-AMERICANO DE DEFESA ANTIMÍSSIL PARA A EUROPA

Joana Gonçalves, Milena Batista, Sofia Alves e Tiago Maurício

2007/11/30

KOSOVO: A ATRACÇÃO DA INDEPENDÊNCIA

Alexandre Reis Rodrigues

2007/09/30

A GEOPOLÍTICA DA SUSTENTABILIDADE[1]

Irene Maria Nunes[2]

2007/09/17

UCRÂNIA. ELEIÇÕES DENTRO DE DUAS SEMANAS

Alexandre Reis Rodrigues

2007/07/26

DE UMA FORMA OU DE OUTRA

Alexandre Reis Rodrigues

2007/07/04

FASCISMO E NAZISMO

Pedro Conceição Carvalho

2007/07/02

A IMPORTÂNCIA GEOESTRATÉGICA DA LITUÂNIA

Daniela Siqueira Gomes[j]

2007/06/25

A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA. RESPONSABILIDADE DA NATO? (II PARTE)

Alexandre Reis Rodrigues

2007/06/05

O SUCESSOR DE PUTIN

Alexandre Reis Rodrigues

2007/05/25

A HERANÇA ALEMÃ PARA A PRESIDÊNCIA PORTUGUESA DA UE

Alexandre Reis Rodrigues

2007/05/19

A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA: RESPONSABILIDADE DA NATO?[1]

Alexandre reis Rodrigues

2007/04/19

THE TALIBAN THREAT IS NOT JUST AMERICA'S BURDEN[1]

Robert Hunter[2]

2007/04/15

SEGURANÇA E DEFESA: UM ÚNICO DOMÍNIO?

Francisco Manuel Gomes[1]

2007/04/01

A DEFESA ANTIMÍSSIL NA EUROPA. UM PROBLEMA PARA A PRESIDÊNCIA PORTUGUESA DA UE?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/03/24

O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (3ª PARTE)

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/03/23

O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (2ª PARTE)

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/03/22

O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (1ª PARTE)

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/02/20

UMA PARCERIA COM A RÚSSIA. É POSSÍVEL PARA O CURTO PRAZO?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/01/21

OS RECURSOS ENERGÉTICOS DO CAZAQUISTÃO E OS SEUS EFEITOS NO REALINHAMENTO ESTRATÉGICO: UM NOVO GRANDE JOGO?

Hugo Palma[1]

2007/01/20

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOPOLÍTICAS (III PARTE)

João Brandão Ferreira

2007/01/18

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOPOLÍTICAS (I PARTE)[1]

João Brandão Ferreira

2006/04/27

A SEGURANÇA ENERGÉTICA

Alexandre Reis Rodrigues

2006/04/06

A SEXTA GUERRA DE INDEPENDÊNCIA

João Brandão Ferreira

2005/07/17

A PRESIDÊNCIA BRITÂNICA DA UNIÃO EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/10/29

A AGÊNCIA EUROPEIA DE SEGURANÇA MARÍTIMA E A AUTORIDADE DO ESTADO NO MAR [1]

Francisco Duarte Lima

2004/10/12

UMA NOVA DOCTRINA DE SEGURANÇA PARA A EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/05/14

A DEFESA EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/03/21

A TURQUIA E A UNIÃO EUROPEIA

João Vieira Borges

2004/02/23

SEGURANÇA E DEFESA NA UNIÃO EUROPEIA; DO DESCONHECIMENTO À PROSPECTIVA

João Vieira Borges

2004/02/19

A UE E A RÚSSIA

António Silva Ribeiro

2003/09/30

PORTUGAL E A ZEE DA UNIÃO EUROPEIA

João Vieira Borges